



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA – TO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Fabiana Santos de Souza

**UM ESTUDO DAS PERMANÊNCIAS E (TRANS)FORMAÇÕES
CAROLINENSES PÓS FORMAÇÃO DO LAGO DA UHE ESTREITO**

**ARAGUAÍNA-TO
2020**

FABIANA SANTOS DE SOUZA

**UM ESTUDO DAS PERMANÊNCIAS E (TRANS)FORMAÇÕES
CAROLINENSES PÓS FORMAÇÃO DO LAGO DA UHE ESTREITO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, como requisito parcial para a obtenção de título de graduada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Pereira de Brito

Araguaína (TO)

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S729e Souza, Fabiana Santos de.
Um estudo das permanências e (trans)formações carolinenses
pós formação do lago da UHE Estreito. / Fabiana Santos de Souza.
– Araguaína, TO, 2020.
39 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Geografia, 2020.
Orientador: Eliseu Pereira de Brito

1. Espaço geográfico. 2. Identidade. 3. Tempo . 4. Transformações
paisagísticas. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica
da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

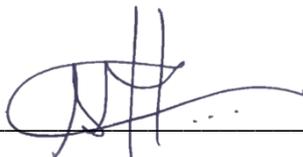
FABIANA SANTOS DE SOUZA

**UM ESTUDO DAS PERMANÊNCIAS E (TRANS)FORMAÇÕES
CAROLINENSES PÓS FORMAÇÃO DO LAGO DA UHE ESTREITO**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Licenciatura Plena em Geografia para obtenção de título de Graduação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data da Aprovação: 18/12/2020.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Eliseu Pereira de Brito – UFT

Orientador



Prof. Dr. Maurício Ferreira Mendes – UFT

Examinador

Agradecimentos

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por ter me dado força e coragem para chegar até aqui, pois sem Ele não teria conseguido. A minha família por ter me apoiado nesta conquista, em especial a minha mãe Dalva Santos de Souza e minha irmã Viviane Santos que sempre estiveram ao meu lado, que cuidaram do meu filho enquanto estava na faculdade a elas minha eterna gratidão. Aos meus avós maternos Gaspar e Teresa (*in memoriam*) a quem devo a vida, pois foram eles que me criaram. A vó Teresa especialmente, pois apesar de analfabeta sempre lutou para que os filhos e netos estivesse acesso à educação. E a todos meus familiares que contribuíram de forma direta ou indiretamente pra que eu conseguisse minha graduação.

Agradeço também ao meu orientador Professor Dr. Eliseu Pereira de Brito pela paciência, por acreditar em mim, por ter guiado nessa caminhada e a todos Professores que compõem o Colegiado do Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins Campus de Araguaína meu muito obrigada!

Um agradecimento especial também aos meus colegas do busão que fizeram parte da minha caminhada durante esse movimento pendular entre Carolina –MA e Araguaína-TO. Passamos por muitas dificuldades nas viagens diária de ida e vinda da faculdade, ônibus que quebrava, chuva forte na travessia do rio Tocantins entre outros perrengues, porém vencemos mais esse período. Obrigada por me “aturarem” durante esses anos. Por fim, agradeço aos colegas da minha turma da faculdade, muito obrigada a todos pelo companheirismo.

RESUMO

Os estudos do espaço geográfico estão interligados com as mudanças na sociedade, transformações que acontecem em decorrência da necessidade que o ser humano tem de mudar o espaço em busca de atender suas exigências econômicas e sociais. A partir dessa interação entre sociedade espaço geográfico surge a identidade do lugar e das pessoas que habitam um dado lugar. Este trabalho objetiva estudar a construção da identidade de Carolina, cidade situada no sul do estado do Maranhão, a margem direita do rio Tocantins onde faz divisa com a cidade de Filadélfia, cidade tocantinense. Buscou-se entender o processo de formação da cidade em questão, tendo o rio Tocantins como “ente” fundamental para o processo de desenvolvimento de Carolina. A cidade teve seu período áureo durante a década de 1960 (SILVA, 2015), a qual se tornou uma das mais desenvolvidas da época, por estar localizada a margem do rio. Uma grande transformação pela qual o espaço geográfico e conseqüentemente, a identidade carolinense passou foi a construção da Usina Hidrelétrica do Estreito. A implantação desse empreendimento trouxe mudanças na paisagem, pois várias áreas de grande importância econômica e cultural foram inundadas pela água da represa, o modo vida da população ribeirinha que dependia do rio para sobreviver foi afetado. Muitas famílias tiveram que mudar do seu lugar de origem para outros locais com condições de vida diferente do que estavam habituadas. Deixaram pra trás histórias, culturas, costumes, ou seja, a identidade que tinha e o sentimento de pertencimento aquele espaço geográfico. Uma prática que surgiu após a construção da UHE foi o turismo. Carolina possui traços do período colonial como os casarões localizados no centro histórico da cidade, como também belezas naturais como paisagens exuberantes de cachoeiras com água cristalina que atraem turistas o ano todo. Portanto, Carolina procura manter sua identidade em meio as mudanças ocasionadas com implantação da Usina Hidrelétrica do Estreito, sendo muito procurada por quem está em busca da tranquilidade.

Palavras-Chave: Identidade, espaço geográfico, Usina Hidrelétrica do Estreito.

Abstract

Studies of geographic space are intertwined with changes in society, transformations that take place as a result of the need that human beings have to change space in search of meeting their economic and social requirements. Identity appears in space, the identity of the place and the people who inhabit a certain place. This work aims to study the construction of the identity of Carolina, a city located in the south of the state of Maranhão, on the right bank of the Tocantins River where it borders the city of Filadélfia, a city in Tocantins. We sought to understand the process of formation of the city in question, having the Tocantins River as a fundamental entity for the development process of Carolina. The city had its golden period during the 1960s (SILVA, 2015), which became one of the most developed of the time, as it was located on the river bank. A major transformation through which the geographic space and, consequently, the carolinense identity underwent was the construction of the Estreito Hydroelectric Plant. The implementation of this enterprise brought changes in the landscape, as several areas of great economic and cultural importance were flooded by the water from the dam, the way of life of the riverside population that depended on the river to survive was affected. Many families had to move from their place of origin to other places with different living conditions than they were used to. They left behind stories, cultures, customs, that is, the identity they had and the feeling of belonging in that geographical space. A practice that emerged after the construction of the UHE was tourism. Carolina has traces of the colonial period such as the mansions located in the historic center of the city, as well as natural beauty such as lush landscapes of waterfalls with crystal clear water that attract tourists all year round. Therefore, Carolina seeks to maintain its identity in the midst of the changes brought about by the implantation of the Estreito Hydroelectric Power Plant, being highly sought after by those who are looking for tranquility.

Keywords: Identity, geographical space, Estreito Hydroelectric.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Embarcação a motor no rio Tocantins	18
Figura 2 - Centro de Ensino Sertão Maranhense	22
Figura 3 - Centro de Ensino Sertão Maranhense	23
Figura 4 - Casarão no Centro Histórico de Carolina.....	28
Figura 5 - Localização do Parque Nacional Chapada das Mesas	29
Figura 6 - Cachoeira São Romão.....	29
Figura 7 - Cachoeira do Prata	30
Figura 8 - Cachoeiras do Itapecuru	30
Figura 9 - Igreja São Pedro de Alcântara	32
Figura 10 - Mangueira no Centro Histórico de Carolina	32
Figura 11 - Entrada do Complexo Turístico Pedra Caída.....	33
Figura 12 - Beira Rio antes da usina	34
Figura 13 - Beira Rio depois da Usina.....	34

LISTAS DE SIGLAS

UHE	Usina Hidrelétrica do Estreito
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
IFMA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
CESTE	Consórcio Estreito Energia
UC	Unidade de Conservação
PARNA	Parque Nacional
PIPES	Pedro Irã Pereira Espírito Santo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	13
1 REVISÃO DE LITERATURAS	13
1.1 Aponte teórico da pesquisa	13
1.2 Os Caminhos Metodológico	15
CAPÍTULO II	17
2. HISTÓRIA DE CAROLINA	17
2.1 A formação da cidade no contexto da navegação	17
2.2 A linha de Correios e Telégrafos e o papel da cidade no contesto regional	19
2.3 O papel regional da cidade de Carolina	21
CAPÍTULO III	25
3 A CIDADE (HOJE)	25
3.1 Uma cidade impactada pela UHE Estreito	25
3.2 Entre cidade histórica-regional e cidade turística	27
3.4 A identidade territorial carolinense (signos e símbolos)	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37
LISTA DE ENTREVISTADOS	39

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetivou identificar as permanências identitárias carolinenses tomando como base a relação do homem com o lugar. A pesquisa foi realizada com o intuito de identificar na história de Carolina elementos de permanência histórica portadores de conteúdo identitário. A cidade em estudo está localizada no sul do estado do Maranhão na divisa com o Tocantins. Pretende-se mostrar com a pesquisa a importância de conhecer a cidade de origem, também despertar o interesse em valorizar os traços históricos que fazem parte da construção do espaço geográfico a fim de preservar a identidade cultural da cidade que atualmente recebe um número expressivo de turistas brasileiros e de outros países que apreciam as paisagens da Chapada das Mesas.

Durante este trabalho fez-se o levantamento do conhecimento que envolve a construção do espaço geográfico a sua relação na construção da identidade das pessoas que lá vivem, como a cidade tem se transformado no decorrer do tempo, quais os pontos positivos e negativos dessas mudanças espaciais provocadas na vida dessas pessoas. A pesquisa foi feita com base em entrevistas com pessoas que moram a mais tempo na cidade e fotografias que são reveladoras da transformação da mesma. Carolina teve seu apogeu na década de 1960, onde se tornou uma das cidades mais importantes da região na época. Na atualidade conta apenas com as características históricas.

O TCC tem como principal categoria o espaço geográfico e foi desenvolvido por meio do estudo com a finalidade de conhecer as transformações advindas com as mudanças espaciais que o município sofreu. Vale ressaltar também que Carolina foi um dos municípios atingidos pela implantação da Usina Hidrelétrica de Estreito – UHE Estreito, acarretando várias mudanças na vida na população carolinense e, principalmente, de quem dependia do rio Tocantins para sua sobrevivência.

Trata-se de uma pesquisa realizada com método descritivo, feita a partir do estudo da população urbana, com descrição de fatos históricos que fazem parte da construção identitárias de Carolina, assim como levantamento de

informações através de visitas de campo com a realização de entrevistas com a população local.

CAPÍTULO I

1 REVISÃO DE LITERATURAS

1.1 Aponte teórico da pesquisa

A revisão teórica do Trabalho de Conclusão de Curso contou como base uma estrutura onde discutiu-se as duas principais temáticas que envolvem a elaboração da pesquisa, construção da identidade social e sua relação com espaço geográfico, categoria trabalhada durante a pesquisa.

O conceito de espaço geográfico está relacionado com o desenvolvimento do ser humano em sociedade, e as relações humanas que compõem o espaço estão diretamente ligadas a identidade de um povo. Segundo Santos (2004, p. 67) “O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria”. O espaço é uma consequência da evolução social. Para Santos (2005, p.16),

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos.

O espaço geográfico é resultado das transformações ocorridas na vida das pessoas que compõem a sociedade. É o lugar onde moram, trabalham e se relacionam, o espaço geográfico é construído por meio da relação do homem com a sociedade. Santos explica:

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida [...] o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

A construção da identidade de uma determinada população está relacionada aos seus costumes, modos de vida, são crenças que fazem parte da história de vida da sociedade. Para Castells (2001, p. - 22), “[...] entende-se por identidade uma fonte de significados e experiências de um povo”. Oliveira (2001, p. 139) afirma que a construção da identidade cultural se dá com o “sentimento de pertencimento”.

A formação da identidade pode ser desenvolvida também de acordo com as práticas a que são submetidos no decorrer de sua existência Castells (2001) classifica de diversas formas de identidade: para ele a **identidade é legitimadora** quando é inserida sob dominação de alguma instituição com o objetivo de expandir domínio; a **identidade de resistência** quando é criada pelos os desfavorecidos; **identidade de projeto** que quando um indivíduo se redefine na sociedade.

O processo de construção da identidade abrange experiências de vida, isso não quer dizer que uma identidade nunca mudará, pelo contrário ao longo da existência humano esse processo está em constante transformação, visto que quando uma pessoa muda de uma região para outra ela leva consigo seus costumes e tradições que irá influenciar a pessoas daquela região, assim como também ela mesma terá sua identidade reconstruída naquele novo território. Castells (2001) ressalta que:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço. (CASTELLS, 2001 p. 23)

Como Castells (2001) ressalta que a criação da identidade de uma sociedade é fonte de conhecimento para diversas áreas de saber profissional, pois trata-se da memória de um povo que surgiu do saber coletivo.

1.2 Os Caminhos Metodológico

O presente trabalho decorreu do desenvolvimento de uma pesquisa através do uso de informações colhidas durante averiguações de cunho exploratórias, onde foram realizadas três entrevistas com pessoas que estiveram experiências, que viveram e ainda vivem no local de estudo.

Para Gil (2008, p.41) “[...] estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses[...]”. A pesquisa aconteceu na modalidade bibliográfica, o conhecimento adquirido sobre a construção identitária de Carolina incluiu o estudo de material já publicado que teve como base jornais, revistas, teses entre outros. Pois Carolina disponibiliza informações em livros que contam a história do município, do Museu municipal que fornece um vasto material sobre a cidade e que está disposição para pesquisas, como também entrevistas com pessoas que fizeram parte da memória da construção da identidades do município

Para produzir a referida pesquisa utilizou-se instrumentos de fontes primárias e secundárias como relatórios técnicos, artigos entre outros, que propiciaram na construção do conhecimento sobre as transformações identitárias do município em estudo. No decorrer da elaboração desta pesquisa relacionou-se a coleta de dados de campo com o levantamento sobre as mudanças que o município sofreu com o passar dos anos, principalmente com a implantação da usina Hidrelétrica do Estreito. Quais as transformações que esse empreendimento trouxe para Carolina, sobretudo no modo de vida da população ribeirinha que dependia do rio para sua subsistência. Para obtenção dessas informações fez-se entrevistas com a população que foi diretamente impactada pela construção da usina, como também estudo da área afetada que abrange o rio Tocantins e a cidade de Carolina com a coleta de dados sobre modificações do espaço geográfico.

Assim sendo, o projeto resultou em conhecimentos qualitativos e a conclusão dos trabalhos foi tanto em forma de questionários, entrevistas e observações e detalhamento da população do município em estudo. O desenvolvimento da pesquisa teve uma base teórica, um breve estudo sobre processo histórico da cidade de Carolina, como se deu a construção da identidade da população do município, através de entrevista com as pessoas

que residem no município a mais tempo e que fizeram parte do desenvolvimento cultural da cidade.

Portanto, pretende-se mostrar como as transformações que ocorrem no espaço geográfico desde a implantação da Usina Hidrelétrica do Estreito em 2010 até os dias atuais contribuíram para as mudanças que hoje fazem parte do espaço no qual cidade está inserida. Para tal resultado foi realizada uma pesquisa de campo com um roteiro de entrevistas com as pessoas que foram diretamente impactadas com a construção do empreendimento.

CAPÍTULO II

2. HISTÓRIA DE CAROLINA

2.1 A formação da cidade no contexto da navegação

A formação de Carolina se deu através da atuação de criadores de gado da Bahia e do Piauí que ocuparam as terras a margem direita do Rio Tocantins. Elias Ferreira Barros foi quem primeiro instalou fazenda construiu currais e casas dando início ao povoado São Pedro de Alcântara, onde viria ser a cidade de Carolina. No início de sua formação, Carolina foi alvo de disputa entre as províncias do Maranhão e Goiás (SILVA, 2015). Pinto Magalhães que também tinha fazendas nas proximidades do rio, defendia que o Arraial de São Pedro de Alcântara deveria pertencer a província de Goiás assim o governo não perderia os impostos pagos pelos navegadores do rio Tocantins, porém Elias Ferreira Barros lutou pra que a vila de São Pedro de Alcântara continuasse do lado maranhense. Silva (2015) ressalta:

Finalmente o protesto de Elias Ferreira Barros seria no ano de 1854, quando o deputado Cândido Mendes de Almeida apresentou projeto, na Assembleia Geral (Câmara Imperial), transferindo a vila de Carolina ao território maranhense, através do Decreto nº 773, de 23 de agosto de 1854. O sonho do fazendeiro Elias Barros e os argumentos das fronteiras entre (hoje estado do Tocantins) ainda hoje são as mesma fixadas pelo capitão Francisco de Paula Ribeiro em 1816. (SILVA, 2015, p. 66)

No dia 08 de julho de 1859, Carolina foi elevada à categoria de cidade pela a Lei Província Nº 527. Durante os primeiros anos de emancipação, a cidade teve um crescimento lento devido ao isolamento e a dificuldade no transporte, apenas no início do século XX que Carolina começou a se transformar em um dos principais centros de comércio do norte goiano (atual estado do Tocantins). O rio Tocantins teve grande influência nesse processo, pois era através do rio que acontecia o transporte de mercadorias e pessoas de um estado a outro, desde Porto Nacional até Belém do Pará (SILVA, 2015).

Figura 1- Embarcação a motor no rio Tocantins



Fonte: Newton Carvalho, Um Idealizador de Sonhos, 2015.

O rio Tocantins era o principal meio de transporte da época, era a rota, caminho que ligava os principais centros comerciais, Belém e Porto Nacional. Segundo Carvalho (2015):

Ainda no século XVIII, o Marquês de Pombal, pressupondo que o rio Tocantins era o melhor meio de penetração para o interior, criou a Companhia de Comércio do Pará-Maranhão, intensificando os fluxos de embarcações no mencionado rio. No século XIX, povoados foram surgindo às margens do rio Tocantins, vilas e arraiais tornaram-se centro regionais de comércio com a cidade de Belém, que era um dos grandes polos socioeconômicos do norte do país. As cidades mais importantes, na época, foram Porto Nacional, Pedro Afonso, Carolina, Marabá e Alcobaça, e outras menores. Com intensificação do fluxo, a navegação no rio Tocantins tornou-se fator primordial para o incremento comercial dessas populações ribeirinhas. (CARVALHO, 2015, p. 71)

Em meados do século XIX, Carolina tornou-se a principal cidade do sul do Maranhão e norte do Goiás (atual estado do Tocantins) devido a sua localização

geográfica, pois na época como não tinha estrada, o principal meio de transporte era a navegação pelo o rio Tocantins. De acordo com Silva:

Em 1854, Carolina possuía a segunda maior frota de barcos do Tocantins até Belém. A partir dos anos 40, com o barco motor, Carolina redistribuía para essas regiões as mercadorias importadas de Belém, como o sal, tecidos, querosene, sabão, açúcar, ferramentas e repassava para a capital paraense os produtos sertanejos: couro, sola, algodão, e carne-seca, embira, malva e arroz. (SILVA, 2015, p. 50).

Assim, durante muito tempo, Carolina teve grande importância na rota de mercadorias entre as principais cidades da época, tendo o rio Tocantins como influência nesse processo, que lhe proporcionou desenvolvimento significativo.

2.2 A linha de Correios e Telégrafos e o papel da cidade no contexto regional

Durante o período de progresso, Carolina contava com o aeroporto do Ticoncá, que na época recebia aviões das linhas aéreas Lloyd Aérea Brasileiro que fazia ligação com as cidades de Rio de Janeiro, São Paulo e Belém. Na cidade tinha cinemas, pois toda semana os aviões traziam as fitas cinematográficas. Nesse período surgiu também o telégrafo, uma grande inovação já que foi um meio de comunicação avançado para época.

Segundo Carvalho (2015, p. 40), “A introdução da telegrafia sem fio foi uma inovação chocante para época. Foi o primeiro meio de comunicação verdadeiramente moderno introduzido na região.” Após a chegada do telégrafo Carolina tornou-se destaque entre as outras cidades circunvizinhas e um importante ponto de comercialização com diversos produtos de outros estados.

Silva (2015) afirmou:

Segundos os antigos moradores de Carolina, quando chegaram os primeiros aviões na cidade a população ficou alvoroçada corriam todos para o campo de pouso, bem-vestidos. Parecia uma festa, as viagens morosas e cansativas de barcos foram substituídas por viagem mais rápidas e cômodas. Com a intensificação do transporte aéreo, o aeroporto Ticoncá tornou-se um nó de cruzamentos de rotas aéreas para o sul, o norte e o nordeste, sendo criado o Aero Clube de Carolina, com objetivo de formar pilotos para toda a região. Com a aviação, o comércio de Carolina passou a se abastecer nas praças do Rio, S. Paulo e Recife. (SILVA, 2015, p. 58).

O aeroporto do Ticoncá recebia aviões de pelo menos quatro linhas diariamente tornando assim grande fluxo de pessoas e mercadorias. Dessa forma foram criadas empresas de táxi aéreo, como: Comandante José Noletto, Comandante Forte, Comandante Ganção, entre outras. Assim, Carolina se destacou entre as cidades do sul do Maranhão.

Na década de 1940, Carolina também recebeu a primeira usina hidrelétrica da região Norte e a segunda do Nordeste brasileiro, a Companhia Hidrelétrica do Itapecuruzinho construída pelo setor privado no rio de mesmo nome. A construção da usina acima mencionada foi iniciada em agosto de 1940 teve o projeto aprovado pela Companhia Siemens. O grande responsável pela a construção da usina foi o Senhor Newton Carvalho que utilizou de seus conhecimentos para realizar tal obra, um marco pra Carolina, uma vez que se tornou a primeira cidade da região a receber energia elétrica. Carvalho e Carvalho (2015) destaca:

Privilegiada pela energia elétrica, Carolina, que antes tinha suas casas e ruas iluminadas com lamparinas e lâmpões a querosene emergiu como grande centro disseminador socioeconômico, industrial e cultural, de toda região do sul de Maranhão e norte de Goiás. A usina hidrelétrica representou um feito memorável ao município como todo, A cidade se industrializava, beneficiou-se com cinema, clubes atividades sociais e culturais, hospital e iluminação de aeroporto, que promovera grande fluxo no tráfego aéreo. Fatos esses que evidenciaram Carolina como avantajado polo convergente ao turismo. (CARVALHO; CARVALHO, 2015, p. 113).

Durante os anos de 1960, Carolina contava com os jornais que circulavam pela cidade levando as principais notícias sobre os acontecimentos da “redondeza”, entre eles estava o jornal “*A Tarde*”, que tinha como objetivo levar as notícias comerciais e também a “revista Carolina” que foi fundada por Catão Maranhão, Luzia Aires de Carvalho Maranhão entre outros. Quando a revista começou a circular em Carolina, a cidade ainda não tinha iluminação elétrica e as pessoas que trabalhavam na revista escreviam a luz de lamparinas. Silva (2015) afirma:

A Tarde circulou entre os anos de 1926 a 1955, registrando o período áureo da cidade de Carolina e região norte do Goiás. Nos anos 40, A Tarde foi o único jornal a encampar a bandeira para a criação do Território Federal do Tocantins, com a capital em Carolina. As dificuldades para fazer um jornal na região eram enormes. A composição era manual e impressão manual, também. O papel vinha em navios do Rio de Janeiro para Belém e de barco até Carolina, era um percurso de 45 dias. (SILVA, 2015, p. 93).

Personalidades importantes se destacaram em Carolina como os pioneiros na luta pelo desenvolvimento da cidade, jornalistas, escritores, professores, médicos entre outros, contribuíram para que Carolina ganhasse destaque entre as demais cidades da região. Portanto, o rio Tocantins contribuiu para construção do espaço geográfico no qual Carolina faz parte desde os princípios de sua formação até os dias atuais.

2.3 O papel regional da cidade de Carolina

No decorrer dos anos, mais precisamente no início do século XX, em Carolina foi construindo as primeiras escolas tendo como influência os professores da época que tiveram grande contribuição no desenvolvimento educacional do município. Carvílio Luso que também era padre, foi o primeiro professor de Carolina. Assim como ele outros nomes importantes participaram da fundação dos primeiros colégios que o município viria a ter. Em 1917 Odolfo Aires de Medeiros fundou o Colégio Carolinense. O Ginásio Sertão Maranhense -hoje Centro de Ensino Sertão Maranhense - que se destacou como um principal colégio da região foi fundando em 1945 e teve como corpo docente os seguintes professores: José Queiroz, Rui Alcides de Carvalho, Luzia Aires de Carvalho, Helcias Raposo Câmara, Américo de Aquino Aires, Edson Cardoso, Justino Aires de Medeiros, Silva (SILVA, 2015, p. 100) entre outros. Atualmente, algumas das principais escolas de Carolina receberam o nome desses renomados profissionais que muito contribuíram com a educação do município.

Figura 2 - Centro de Ensino Sertão Maranhense



Fonte: a autora, novembro de 2020.

Outro colégio de grande relevância fundado em 1936 foi o Instituto Batista de Carolina criado pela junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. O Colégio Batista como é conhecido, foi uma iniciativa do missionário norte-americano Lewis Mallen Bratcher responsável pela formação de vários profissionais de Carolina desde professores, médicos, advogados entre outros que fizeram e ainda faz parte da história do município. Silva (2015) destaca:

No aconchego do calor humano, o Colégio Divina Providencia, em Carolina, foi fundado em 25 de outubro de 1935, sob a denominação de Educandário Nossa Senhora da Piedade, passando a funcionar a partir de 1971 com a denominação Colégio Dom Emiliano Lonati, envolvendo o ensino de 1º e 2º graus. A partir de 1996, o colégio foi doado pelo pisco Dom Marcelino às Irmãs Beneditinas da Divina Providencia, que passaram a coordenar e administrar a instituição educacional. Em 20 de fevereiro de 1997, o referido colégio passou a ser chamado de Colégio Divina Providência. Ao longo dos anos as Irmãs Beneditinas cuidaram da educação dos carolinenses. (SILVA, 2015, p. 100/01)

No local do Colégio Divina Providência, hoje funciona o Colégio Santa Cruz oriundo de Araguaína Tocantins, faz parte uma rede educacional privada com sede na cidade acima citada. Desde o início de sua formação educacional, Carolina contou com bons profissionais na área da educação que fizeram a diferença na história do município desde poetas, escritores, jornalistas, pode-se citar:

Luzia Aires de Carvalho Maranhão, uma das maiores expressões de cultura e inteligência de Carolina, uma educadora competente e exigente, bastante educada nasceu em Carolina 26 de março de 1908. Era filha de Odolfo Aires de Medeiros um dos educadores e intelectuais do sertão maranhense. (QUEIROZ, 2000, p. 84).

Em Carolina, atualmente, existe dois colégios estaduais, um que leva o nome da professora Luzia Aires de Carvalho e o Centro de Ensino Luzia Aires Maranhão situado na Av. Adalberto Ribeiro. Esse centro de ensino se destaca entre os melhores colégios públicos da cidade o que acaba tendo muita procura por pais que desejam que seus filhos estudem lá. Assim como a professora Luzia, vários outros professores fizeram parte da história educacional do município. Atualmente a educação de Carolina está voltada para o ensino fundamental séries iniciais e finais - ensino médio- o município conta ainda com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) e a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) os quais tem contribuído para formação dos carolinenses.

Figura 3 - Centro de Ensino Sertão Maranhense



Fonte: a autora, novembro de 2020

A foto acima retrata o Colégio que seu nome homenageia a professora Luzia Aires de Carvalho Maranhão. Entre as pessoas que fizeram parte da construção do espaço geográfico de Carolina e atuaram na implantação do sociedade carolinense, tem-se o médico José Alcides de Carvalho, conhecido como Dr. Zeca. Atuou em sua profissão atendendo em seu consultório e até nas casas das pessoas. Dr. Zeca foi o primeiro médico de Carolina, participando também da política onde chegou a ser vereador e depois prefeito da cidade. Silva (2015) ressalta:

Considerado o primeiro médico formado a clinicar em Carolina, foi homenageado com uma Comenda de Honra ao Mérito pela força Aérea

Brasileira (FAB), devido aos relevantes serviços prestados à comunidade carolinense. No seu humanismo dedicava especial carinho às crianças desprovidas de apoio familiar, chegando até mesmo a criar um deficiente. Mesmo idoso, doente fazia questão de atender os pobres que o procurava em sua residência. Amparado pelo amor de sua esposa, filhos e com admiração amorosa de sua clientela feminina, faleceu em 4 de novembro de 1975. (SILVA, 2015 p. 84).

Carolina conta com um hospital municipal que atende ocorrências menos grave, e em casos de pacientes com quadro clínico mais crítico é encaminhado para a cidade vizinha de Imperatriz - MA. Na área da saúde não obteve avanço esperado e continua a depender das cidades vizinhas quando se trata de casos mais complexos. Assim, os carolinenses se veem obrigados a sair a procura de melhores recursos quando necessitam de tratamento mais especializado.

CAPÍTULO III

3 A CIDADE (HOJE)

3.1 Uma cidade impactada pela UHE Estreito

A construção da Usina Hidrelétrica de Estreito (UHE Estreito), que está localizada na divisa do Maranhão com o Tocantins, mais precisamente na cidade de Estreito - MA, causou grande impacto aos municípios por ela afetados. Em Carolina, a construção do espaço geográfico da cidade está diretamente relacionado com o rio Tocantins, dele a população ribeirinha retirava seu alimento através da pesca e da agricultura familiar com o plantio na vazante. Melo e Chaves (2012) explica:

Com a construção das inúmeras UHEs pelo país, que foram geradas a partir da década de 1970 e tem como objetivo principal gerar energia elétrica, para atender principalmente, as indústrias que tendem a consumir muita energia. As construções dessas grandes obras causaram o desalojamento de milhares de famílias de suas casas, terras, regiões, como também de seus trabalhos. Sendo ainda que, milhares de pessoas saem de suas terras de origem para os centros urbanos, principalmente para as periferias. (MELO; CHAVES, 2012, p. 4)

A implantação do empreendimento trouxe mudanças na vida dos carolinenses. As comunidades que tinham casas ou terras à margem do rio foram realocados para outras áreas, onde tiveram seu modo de vida, costumes e cultura afetados. Outra grande mudança que a implantação da UHE trouxe foi inundação da praia de Filadélfia pelo lago da usina. A praia que em alta temporada aquecia a economia tanto do município tocantinense como de Carolina uma vez que o fluxo de pessoas aumentava contribuindo para o acréscimo na renda dos barqueiros, já que os mesmos trabalhavam no transporte de pessoas e mercadorias de um lado a do rio.

Como a região atingida pelo empreendimento hidrelétrico de Estreito provocou a desestruturação do modo de sobrevivência de mais de 2.000 mil famílias, segundo o Relatório de Impacto Ambiental (2002) da usina, cujo modo de existência estava estritamente relacionado com o rio Tocantins, isso, conseqüentemente, levou a uma série de conflitos entre o Consórcio Estreito Energia (CESTE), empresa construtora da usina, e as comunidades de pescadores, barraqueiros, barqueiros, vazanteiros, extrativistas, agricultores, entre outras, que mantinham uma relação direta com o rio em questão e que, desde a instalação dos

primeiros canteiros de obras de tal empreendimento, fato ocorrido em 2007, vem lutando por algum tipo de indenização financeira por causa dos prejuízos sociais e econômicos que tiveram. (PEREIRA, 2013, p.27)

A construção da Usina Hidrelétrica de Estreito gerou e ainda continua gerando impactos na vida dos carolinenses, pois modificou-se a paisagem natural do lugar com a inundação de áreas antes frequentadas e que hoje estão cobertas pela água do lago. Os modos de vida da população também foram afetados, as comunidades que foram desterritorializadas tiveram seus costumes e culturas afetados. A princípio, a implantação do empreendimento traria mais empregos e desenvolvimento tanto na área educacional, como na saúde e na infraestrutura do município, o que em alguns casos não aconteceu, gerando assim vários conflitos entre a população ribeirinha e o Consórcio Estreito Energia (CESTE), empresa responsável pela a construção da usina. De acordo com o Jornal Folha Maranhão do Sul (2010):

Frutos do Termo de Compromisso Mútuo, uma ação voluntária do empreendedor da Usina de Estreito, a construção do Centro de Convivência para Idosos, a ampliação da Escola Municipal no bairro do Brejinho, Posto de Saúde de bairro do Brejinho e a reforma do Estádio Municipal forma as últimas obras entregues ao município. Já estão andamento a construção do Cemitério Municipal, do Mercado Municipal na Cohab, a reforma do Ginásio de Esportes, melhoria no aterro sanitário, assim como os processos para aquisição de equipamento para reciclagem de resíduos (lixo) e do prédio onde irá funcionar a Casa de Cultura e Museu de Carolina. A previsão é de que todas as obras e compromissos assumidos pelo Consórcio Estreito Energia como Município estejam a serviço da população antes do final do próximo semestre. Capacitações – Além das obras, o Ceste também movimentou a economia de Carolina com a geração de emprego e renda, uma vez que 16 empresas contratadas pelo CESTE gerando emprego e renda que atuam na região e contam com a participação de mais de 70% de sua mão de obra formada por profissionais do município. (FOLHA MARANHÃO DO SUL, 2010, *apud* MOTA, 2010, p. 28)

Com a chegada do empreendimento o espaço geográfico construído pela sociedade modificou-se, considerando que o espaço geográfico compreende; “O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários.” (SANTOS, 1988, p. 25).

Ainda segundo Santos,

A questão do espaço habitado pode ser abordada segundo um ponto de vista biológico, pelo reconhecimento da adaptabilidade do homem,

como indivíduo, às mais diversas altitudes e latitudes, aos climas mais diversos, às condições naturais mais extremas. Uma outra abordagem é a que vê o ser humano não mais como indivíduo isolado, mas como um ser social por excelência. Podemos assim acompanhar a maneira como a raça humana se expande e se distribui, acarretando sucessivas mudanças demográficas e sociais em cada continente (mas também em cada país, em cada região e em cada lugar). O fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado. (SANTOS, 1988, p. 14)

A construção de uma usina hidrelétrica garante o uso de energia, principalmente das grandes indústrias que são responsáveis pela a maior parte do consumo dessa energia. As comunidades tradicionais ribeirinhas é que são diretamente impactadas com os efeitos ocasionados por esse tipo de empreendimento.

3.2 Entre cidade histórica-regional e cidade turística

No momento atual, Carolina possui traços históricos de um passado colonial que contribuiu para o processo de formação do espaço geográfico presente, no qual a cidade está inserida. Esse processo está relacionado com desenvolvimento econômico que o município teve quando o Brasil ainda era dividido em capitanias. A economia da cidade sempre esteve vinculada a criação de gado, característica que faz parte da história de Carolina. Assim, surge o turismo, segmento que tem avançado uma vez que, ao visitar Carolina o turista tem como uma das principais atrações o centro histórico da cidade onde estão localizados os casarões que representam o passado colonial em que o município viveu, um patrimônio material.

Figura 4 - Casarão no Centro Histórico de Carolina



Fonte: a autora, novembro de 2020

O surgimento do turismo em Carolina está vinculado com criação do Parque Nacional Chapada das Mesas, a Unidade de Conservação (UC) foi criada com a finalidade de preservar a fauna e flora local em especial do rio Farinha, que na época estavam na “mira” dos empreendedores da região, onde visavam realizar a construção de usinas hidrelétricas no mesmo. Dessa forma, o Parque foi criado em 12 de dezembro de 2005 com uma área de 160 mil hectares, a região abrange o bioma Cerrado. (ICMBIO, 2016).

O Parque Nacional Chapada das mesas está localizado na região sul do estado do Maranhão e abrange os municípios de Carolina, Estreito, Riachão. O Parque leva esse nome por se tratar de um relevo cheio de cadeias montanhosas com formato de mesas. De grande potencial hídrico e com grande diversidade de plantas e animais que compõe o cerrado brasileiro é no PARNA- Parque Nacional- Chapadas das Mesa onde estão localizados os principais atrativos turísticos da região, entre eles podemos citar: Cachoeiras do São Romão, Prata, Itapecuru, Complexo Turístico Pedra Caída, Poço, Encanto Azul entre outros.

Figura 5 - Localização do Parque Nacional Chapada das Mesas



Fonte: Ministério do Meio Ambiente - MMA

A construção do espaço turístico de Carolina também se relaciona com a disponibilidade de atrativos que o município oferece, conhecida como Paraíso das Águas. Carolina dispõe de uma variedade de cachoeiras, balneários, além do Morro do Chapéu e Portal da Chapada, locais de intensas visitas turísticas o ano inteiro, mas principalmente nos meses de férias e em feriados. Entre as cachoeiras pode-se citar a Cachoeira do São Romão e Cachoeira do Prata situadas a 60km e 80km respectivamente do centro de Carolina, as cachoeiras acima citadas são de propriedade particular e atraem vários turistas pelas belezas naturais que oferecem.

Figura 6 - Cachoeira São Romão



Fonte: Joel, 2020.

Figura 7 - Cachoeira do Prata



Fonte: PRATA, 2020.

Cachoeiras do São Romão e Prata são importantes pontos turísticos, conhecida pelas suas belas quedas d'água estão localizadas no rio Farinha afluente do rio Tocantins. Para chegar as essas cachoeiras é necessário veículo traçado 4x4, já que trata-se de uma estrada de chão com grande volume de areia solta, sobretudo no período de seca da região, que vai de maio se estende até outubro. Pode-se citar ainda outros importantes locais de visitação turística de Carolina, são as Cachoeiras do Itapecuru localizadas a 30km do centro de Carolina no rio de mesmo nome, as referidas cachoeiras atraem turistas no mundo inteiro, que buscam um local de lazer em contato direto com natureza.

Figura 8 - Cachoeiras do Itapecuru



Fonte: Laís, 2019.

Carolina ainda dispõe do Complexo Turístico Pedra Caída, cachoeira também de propriedade particular que fica a 30km do centro da cidade, Pedra

Caída possui uma grande variedade de atrativos, entre eles uma tirolesa de 400m de altura muito utilizada por visitantes que desejam aventurar-se nas alturas.

3.4 A identidade territorial carolinense (signos e símbolos)

A construção identitária de um lugar acontece quando existe uma relação entre os indivíduos e o espaço, onde constroem-se suas características e identidades. Desta forma a sociedade produz o território de acordo com suas vivências a partir do vínculo entre o espaço e o ser humano. O conceito de território para a geografia está diretamente relacionado com o poder, o domínio que o estado exerce no lugar. Segundo Haesbaert (2006), o território é:

Política [...] onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado. -cultural [...] prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. -econômica [...] enfatiza as dimensões espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos/e ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho. (HAESBAERT, 2006, p.40 apud CAMPOS, 2013, p.15).

A cidade de Carolina, apesar das transformações corridas com a construção da Usina Hidrelétrica do Estreito, ainda preserva a identidade de um passado colonial de grande importância. No centro histórico da cidade até este tempo pode-se ver as características marcantes desse passado, como os casarões coloniais com traços significantes e uma arquitetura bem típica da época. As mangueiras centenárias também compõem paisagem local, pois são várias árvores que ajudam amenizar o calor do clima tropical da região. Ainda no centro histórico da referida cidade localiza-se a igreja São Pedro de Alcântara, padroeiro de Carolina, a qual atrai vários fiéis durante o festejo que acontece em outubro.

Figura 9 - Igreja São Pedro de Alcântara



Fonte: GUIMARÃES, Domingos, 2020.

Figura 10 - Mangueira no Centro Histórico de Carolina



Fonte: Enquanto isso em Carolina, 2017

No atual momento a economia de Carolina está baseada no setor do comércio, agricultura e turismo. Este último tem ganhado cada vez mais espaço nos últimos anos, principalmente depois que a Fazenda Pedra Caída passou a pertencer ao Grupo PIPES, empresa com diversos segmentos não só em Carolina, mas em várias outras cidades. Carvalho e Carvalho (2015) explica:

A Fazenda Pedra Caída ocupa uma área de 12.500 hectares e nela estão incrustadas cerca de 25 cachoeiras, sendo que oito delas são utilizadas para lazer, esporte e turismo. Fica localizada no entorno do Parque Nacional Chapada das Mesas. O complexo de Lazer Pedra Caída é um dos mais importantes centros turísticos das regiões Norte e Nordeste, objetivando ser uma Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN). O complexo possui ampla estrutura e programas voltados ao Ecoturismo com sua observância na preservação do ecossistema. (CARVALHO; CARVALHO, 2015, p. 90)

Figura 11 - Entrada do Complexo Turístico Pedra Caída



Fonte: Enquanto isso em Carolina, 2017.

Pedra Caída hoje é um dos principais atrativos de Carolina, uma vez que a grande maioria dos turistas que visitam a cidade tem o referido ponto turístico como indispensável para os roteiros de passeios. Deste modo aquece a economia no setor hoteleiro, de alimentação, de agências de turismo, entre outros.

O processo de construção da identidade territorial de um lugar acontece de forma contínua, ao longo do tempo, a sociedade é a grande responsável por essa construção. Assim, a identidade territorial de Carolina está relacionada com a organização espacial do município desde a sua criação até os dias atuais, com características das paisagens típicas de um período colonial pelo qual a cidade passou e que a partir dele se fez construir a identidade atual, como as festas religiosas, as comidas típicas, a paisagem local composta pelos antigos

casarões que ainda apresentam particularidades comuns da época, e que compõe uma riqueza cultural de grande relevância.

A construção da Usina Hidrelétrica do Estreito trouxe grandes transformações que afetaram diretamente a vida dos carolinenses, como a inundação de área antes frequentadas, a exemplo da Ilha dos Botes, local conhecido pelas as belas paisagens e bastante movimentado no período de estiagem (maio a outubro), atualmente tomado pela água do lago. A beira Rio teve sua estrutura modificada.

Figura 12 - Beira Rio antes da usina



Fonte: enquanto isso em Carolina, 2017.

Figura 13 - Beira Rio depois da Usina



Fonte: enquanto isso em Carolina, 2017.

Nas imagens pode-se perceber as modificações da paisagem do antes e depois da beira rio com a implementação do empreendimento da usina do Estreito. Essas transformações ocorridas no território carolinense fazem parte da composição de um novo espaço geográfico. Santos caracteriza o espaço como:

Os espaços assim requalificados atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização. (SANTOS, 2006, p.69)

A medida que a cidade tenta preservar sua identidade no contexto dessas modificações, o território carolinense passa a integrar a identidade já existente com a construção de uma nova identidade. Dessa forma, as mudanças ocasionadas pela construção da barragem trazem uma ressignificação ao território, alteram a paisagem local. Santos (2006, p. 69) explica: “A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais”. Ao percorrer as ruas de Carolina

percebe-se que apesar das mudanças advindas com implantação da Usina Hidrelétrica do Estreito, a cultura carolinense luta para manter-se viva nesse novo cenário, com preservação dos rios e coqueiras que a faz uma cidade com grande potencial hídrico. Os pontos turísticos ganharam mais visibilidade depois da implantação da usina atraindo maior número de visitantes. Assim, essa característica de cidade tranquila do interior, esse saber regional torna-a única em seu papel de cidade turística o que tem atraído vários, desde turistas que estão busca de calma e um bom banho de cachoeira.

Portanto, a construção da Usina Hidrelétrica do Estreito trouxe para Carolina um re-significado territorial, uma mudança no modo de vida da população. Entre os barqueiros entrevistados, há quem se beneficiou, segundo Silva (11/2020) após a barragem sua vida melhorou, pois passou a trabalhar para si mesmo e conseguiu comprar o próprio barco, outros acreditam que a Usina não trouxe benefício algum – Dias (11/2020) explica que teve grande prejuízo, já que antes da construção da usina trabalhava em próprio barco e fluxos de pessoas era maior por conta do plantio na vazante, o que não acontece hoje, além pelo contrário, contribuiu. A cidade Carolina nos pós Usina Hidrelétrica do Estreito perdeu parte de identidade à medida que constrói uma nova a partir dos elementos que resistem as transformações ocorridas no espaço geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do desenvolvimento dessa pesquisa pôde-se perceber que a construção da identidade de Carolina está relacionada com seu período de maior “desenvolvimento”, a década de 1960, onde era considerada a principal cidade do sul do Maranhão e norte de Goiás, atual Tocantins. Carolina recebia pessoas de vários outros estados que migravam para o município em busca de melhores condições de vida, já que a cidade estava no auge do desenvolvimento.

Durante o auge da economia carolinense destaca-se o rio Tocantins como principal agente propulsor da identidade da cidade. O rio teve um papel fundamental nesse processo, pois o principal meio de locomoção da época era a navegação. Através da navegação acontecia o transporte de cargas e pessoas de um estado a outro, desde a Bahia, Pará e Goiás. Com a abertura da rodovia Belém-Brasília (BR – 14), Carolina perdeu o posto de principal cidade da região, visto que a rodovia não integrava o município. Dessa forma, começou a “decadência” da cidade contribuindo para uma mudança do modo de vida das pessoas e, conseqüentemente, alterou as territorialidades e a identidade de Carolina. Este pode ser uma variável que indica mutações identitárias na cidade podendo ser exploradas em trabalhos futuros pela autora.

Outra transformação pela a qual Carolina passou nos últimos anos, foram os impactos gerados pela construção da Usina Hidrelétrica do Estreito. Mais uma vez a identidade do município foi “afetada” por essas modificações que acarretaram vários impactos na vida do carolinense. Os vazanteiros que dependiam do plantio nas vazantes foram deslocados de suas terras e proibidos pelo o CESTE (Consórcio Estreito Energia) empresa responsável pela usina, de fazer qualquer tipo de plantio às margens do rio.

Portanto, a construção identitária de Carolina está relacionada com as transformações ocorridas durante seu desenvolvimento e que foi afetada pela barragem do Estreito, ao mesmo tempo que luta para resistir essas transformações carregando ainda hoje características típicas do período colonial. Os novos sentidos dados pelo uso do passado para fins turísticos e de todo patrimônio do parque representa um fator de acionamento identitário carolinense.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Marcio Luiz. **(Re)Significados da Identidade Territorial de Carolina-Ma.** Araguaína-TO, UFT 2013.

CARVALHO, Rosa; CARVALHO, Zilma. **Pedro Iram: rei do rio.** Goiânia: Kelps, 2015.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2001
GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo :Atlas, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: A rede “gaúcha” no nordeste.** Rio de Janeiro: EDUFF, 1997.

Ministério do Turismo. **As paisagens e a biodiversidade da Chapada das Mesas.** 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio>. Acesso em: 1 dez. 2020.

MELO, N.L; CHAVES, P.R. **A construção da usina hidrelétrica de Estreito e o processo de territorialização do movimento de atingidos por barragens – MAB. Anais... XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia – MG, 2012.**Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

MOTA, Poliana de Sousa. **A Reconfiguração Espacial de Carolina Má.** Na Trama do Espaço/Tempo Da Cidade. 2010.

OLIVEIRA, Persio Santos de. **Introdução a Sociologia.** 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.

PEREIRA, Marcelo Divino Ribeiro. **Os Impactos Socioeconômicos e o Processo Indenizatório das Comunidades Ribeirinhas Atingidas Pela Usina Hidrelétrica de Estreito – Maranhão.** PALMAS – TO 2013. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br>. Acessado em: 24 de novembro de 2020.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton Almeida. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006. 260 p. (II). Disponível em: <<http://files.leadit-ufal.webnode.com.br> Acesso em: 30 jun. 2019

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO,** fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec.São Paulo 1988.

SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço:** Formação Espacial como Teoria e como Método. São Paulo; Edusp, 2005.

SILVA, Otávio Barros da. **História de Carolina.** Brasília: 2015

LISTA DE ENTREVISTADOS

Entrevistado 01 – MA (11/2020)

Entrevistado 02 – MA (11/2020)

Entrevistado 03 – MA (11/2020)